



POR QUE AS AÇÕES COMPLEMENTARES NAS FFAA?

Jorge Luiz Abreu do O'de Almeida

Quando se fala em operacionalidade das Forças Armadas, as chamadas Ações Complementares são postas em debate, havendo quem se posicione a favor de sua extinção.

Respondendo à pergunta-título deste artigo, o autor se propõe a justificar o valor dessas ações e, mais que isso, caracterizá-las imprescindíveis.

"... dia feliz, aquele em que se queimarem todos os arsenais, comemorando a Paz Universal!"

Paz é a esperança para seres pensantes e o objetivo maior, para militares. Mas, a realidade nem sempre é assim: tem-se de conviver com a insensatez, os interesses mesquinhos, os conflitos e até mesmo, com as diversas formas de guerra!

Assim que o Homem parou de caçar sozinho e procurou agrupar-se, logo sentiu necessidade de estabelecer regras de convivência, de mostrar autoridade e poder sobre o seu grupo, surgindo os primeiros desencontros e atritos, recorrendo, não

raro, ao emprego violento da força.

Depois, por ser eminentemente gregário, reuniu-se em comunidades e sociedades, que passaram a atuar para satisfazer seus interesses; dessa atuação, emergiram e cresceram os conflitos... e a História da Sociedade Humana transformou-se na própria História da Guerra.

É certo que os analistas ocidentais, embora reconhecendo constante o componente psicológico, sempre adotaram o "emprego da força" (bem codificado por Clausewitz, Mahan e Douhet), enquanto os orientais preferiam o "uso da sedução" (Sun tzu, Mao e Giap); entretanto, mesmo os ocidentais, os profes-

sores Cline e Conie, ao avaliarem o "Poder Perceptível de um País", utilizaram cinco indicadores mensuráveis, dentre os quais três são de natureza psicológica (concepção estratégica, vontade nacional e poder de persuasão). Daí, o valor e a necessidade de bem compreender-se aqueles fatores e os conflitos que deles derivam. É fácil reconhecer e compreender um conflito econômico (guerra econômica) ou um conflito político (guerra declarada) porém a chamada "guerra psicológica", deflagrada a partir de um conflito psicológico, talvez não seja tão fácil de ser reconhecida e compreendida.

A Guerra Psicológica não é nada nova! Na realidade, ela é mais velha que Job... Senão, veja-se o seguinte exemplo:

Na Mesopotâmia, em 3000 a.C., o Rei Emmerkar, de Erech, queria se apossar de Aratta; para isso, fez espalhar que era sanguinário e terrível; além disso, mandou suas tropas para desfilar frente a Aratta, interceptar as caravanas de víveres que para lá se dirigiam, e depois mandou oferecer ao povo daquela cidade, como prova de amizade, duas centenas de camelos, carregados de comida e jóias; mais tarde, propalou ao máximo, a incompetência do Rei de Aratta e, logo depois, o povo sofrido daquela cidade foi pedir que assumisse o Governo. Assim, ganhou o poder, com o apoio de uma guerra psicológica bem conduzida.

Os exemplos se repetem:

- Napoleão e os seus jornais;
- Lenin - "pela palavra e pela pena transforma-se a Guerra em Revolução".
- Ludendorff - "atacar a coesão anímica do povo... pois é quem decide..."
- Goebbels - "melhor criar e dirigir atitudes que tentar mudá-las..."
- Vishinsky - "não venceremos o Ocidente por meio da bomba Atômica. Nós o venceremos com algo que ele (o ocidente) não compreende: nossas cabeças, nossas idéias, nossa doutrina".

Afinal, "a Guerra baseia-se no engodo e o ideal consiste em quebrar a resistência do inimigo sem combater" (Liddell Hart), .. porque ... "a solução está no coração dos homens ... e sem conhecê-lo, sem primeiro conquistá-lo, vai-se depender sempre da fortuna das armas..." (de Saxe).

Tanto isso é verdadeiro, que Israel obteve quatro retumbantes vitórias militares, mas, a cada uma, distanciou-se mais de seu objetivo principal: faltou-lhe bem utilizar "recursos psicológicos que deveriam converter-se nos principais instrumentos militares, transformando os equipamentos mecânicos em coadjuvantes subsidiários" (Prof. Pena e Egemar, 1975).

E no Brasil, onde "tentou-se

fazer esquecer a Santa Inquisição, falando em investigar a tortura institucionalizada dos 20 anos de . . ." o que está sendo feito, enquanto a Comunicação de Massa, transformando o mundo numa aldeia global, amplia quaisquer efeitos, e se transforma em veículo, por excelência, da Guerra Psicológica.

Por conhecer (ou compreender) os horrores e os custos econômico-financeiros, as perdas humanas e, principalmente, os danos morais e éticos das guerras, o militar profissional deve estudar e se preocupar, mais que tudo, com o superar essa guerra psicológica (como também as demais) ou torná-la, ao menos, mais rápida e suportável possível.

Mas, o que se tem feito? Se já se consegue compreender a guerra psicológica em curso, o que tem sido realizado, em defesa da Nação? Como restringi-la e como se defender dela?

Essas e outras respostas não são difíceis, mas nenhuma delas é simples.

O Manual do aluno, do Instituto de Estudos Estratégicos britânico, entretanto, ao comentar o dito de Foch de quem "*... No war is like a previous war*", acrescenta e estimula "*... A flexibility of mind in assessing new ideas*". Esse manual, inevitavelmente, apresenta, como Princípios de Guerra, certos títulos inusitados na literatura castrense brasileira, tal como o da Manutenção do Moral.

Em torno desse Princípio de Guerra, muitas idéias poderiam

ser agregadas mas, sem qualquer dúvida, sob o ponto de vista da Nação, a eficiência, a prontidão para ação e os resultados obtidos pelas Forças Armadas muito ajudam para manter e elevar o moral.

Talvez-aí resida a verdadeira justificativa para as "Ações Complementares" realizadas no mundo, e em particular, no Brasil. Assim operando, as Forças Armadas conseguem se manter adestradas, cultivam uma boa imagem e, acima de tudo, cooperam com a Nação, seja em momentos de dor, seja ajudando seu desenvolvimento, seja, até, impondo novos padrões.

De modo genérico, "Ações Complementares" são as missões realizadas ou previstas para o serem, em proveito da comunidade nacional, regional ou setorial ou, até mesmo, de um indivíduo, em situação de emergência ou carente desse amparo. Na realidade, ao cumprir essas missões em proveito de terceiros, é provável que as Forças Armadas deixem de atender a outras, que seriam realizadas somente à guisa de seu adestramento. Assim, na maioria das vezes, as Forças Armadas apenas combinam e coordenam esforços, aumentando a utilidade do gasto que iriam realizar.

Desta forma, quando uma aeronave da FAB se desloca para resgatar um acidentado, sem condições de tratamento médico local e sem outra opção aérea disponível — a chamada Missão de Misericórdia — o faz sabendo

que, talvez, naquele mesmo momento, estivesse cumprindo outra missão de adestramento, num vôo de rotina e sem outra utilidade complementar; assim, atende àquela emergência, ao mesmo tempo em que se adentra.

De modo similar, quando o Navio Hospital Oswaldo Cruz, de nossa Marinha Brasileira, sobe a calha do Solimões ou do Negro ou do Tapajós, levando a assistência médica às populações desassistidas do interior amazônico, seus integrantes poderiam estar embarcados em outros navios, por exemplo, um Navio de Patrulha Fluvial (Na-PaFlu), se adestrando e se preparando exclusivamente para missões de segurança.

Enquanto efetivos da Engenharia Militar cooperaram na locação dos pilares da ponte Rio-Niterói, na demarcação do Distrito Federal ou de alguma reserva indígena, no levantamento e na edição de cartas geográficas, na construção de pontes, viadutos e túneis, na implantação de rodovias e de trechos ferroviários, talvez, estivessem realizando as mesmas operações que teriam de fazer para seus treinamentos específicos.

E, o que parece muito interessante, utilizando nesses mistérios, recursos mais reduzidos do que seriam utilizados por outros órgãos: quanto custaria aos órgãos da Saúde Pública comprar e manter em operação dois navios-hospitais, preparados para percorrer os rios amazônicos?

Quantos brasileiros poderão pagar um "socorro aéreo" para serem levados a algum hospital, após sério acidente? Ou quanto custaria ao Estado manter uma aeronave — ou várias — para remover acidentados? E o que seria mais simples: destinar algumas missões da FAB para atender ao Correio Aéreo Nacional ou criar uma estrutura para levar as malas postais aonde a aviação comercial não opera, por razões também comerciais?

Não seria muito mais oneroso aos cofres públicos que a Força Terrestre adestrasse a sua Engenharia fazendo fragmentos de estradas em algum campo de instrução ou ela, ao concluir um trecho de Rodovia do Plano Nacional de Viação, não está se adestrando, também, para sua missão normal numa guerra?

Sim, essas "Ações Complementares" são de grande valia para a Nação, pois, com elas, as Forças Armadas ajudam, cooperam e apoiam as comunidades brasileiras mais sacrificadas; com elas, as Forças Armadas aumentam sua aproximação do povo, do qual nunca se separam porque são o "povo de farda"; e, com elas, as Forças Armadas dão nova dimensão a gastos já prescritos por outras razões e, até, impõem determinados padrões — o primeiro nivelamento realizado no Brasil, utilizando a técnica do raio laser, foi realizado pela Engenharia Militar, ao locar os pilares e nivelar o tabuleiro da Ponte Rio-Niterói.

E quando a Nação Brasileira

resolveu socorrer povos irmãos, em seus momentos de grande dor, como por exemplo, após o terremoto ocorrido na cidade do México, além de remédios, agasalhos e comestíveis, transportados pela Marinha Brasileira, enviou, para cooperar nas operações de rescaldo, uma equipe de Salvamento do Exército e o Hospital de Campanha da FAB, que realizou milhares de atendimentos; em 1986, esse hospital voltava novamente a cooperar em São Domingos, amparando muitos necessitados.

Recentemente, a mesma equipe especializada do Exército foi acionada para dinamizar os trabalhos de rescaldo das áreas e demolição das edificações, atingidas pela radiação do Césio 137, tragicamente ocorrida em Goiânia; entre os contaminados, aqueles que sofreram maiores dosagens de radiação, foram transportados para o Rio de Janeiro, sob cuidados especiais, em aeronave da FAB e se encontram submetidos a tratamento altamente técnico, no Hospital Naval Marcílio Dias. Aqueles que não lograram sobreviver retornaram a sua terra natal, em urnas especiais, novamente transportados pela FAB.

Além das Ações Complementares já mencionadas, as Forças Armadas também prestam um serviço adicional, de valor incomensurável, ao cumprirem suas tarefas normais de adestramento de pessoal de formação de Reservas: anualmente, a par de instrução mili-

tar, elas aprimoram centenas de milhares de jovens conscritos, ministrando-lhes ensino profissional de elevado nível técnico, propiciando sua integração social como úteis cidadãos componentes da força de trabalho, proporcionando-lhe um adequado amparo de saúde e os devolvendo à sociedade, na maioria das vezes, como especialistas requintados.

E então, por que há quem se insurja contra as "Ações Complementares nas Forças Armadas"?

Basicamente, uns porque compreendem que aumentam, com elas, a admiração e o respeito que lhes devota o povo e com isso, sente distanciar mais a possibilidade de jogar o povo contra as suas Forças Armadas; outros, porque vêem se afastar o alvo preferido em sua guerra psicológica – o povo – que se sente, cada vez mais, amparado por suas Forças Armadas. Há também outro grupo que prefere o fim das Ações Complementares, por mesquinhos interesses comerciais.

E tanto isso é verdade que, durante o período de guerrilha urbana dos anos 60/70, o povo, voluntária e repetidamente, procurava as Forças Armadas para informar onde estavam homiziados os captores com embaixadores seqüestrados, onde se escondiam os líderes procurados ou se amoitavam covardes terroristas. Mesmo incitado, o povo nunca jogou "ovos e tomates podres" em suas Forças Armadas.

E por quê? Não será pelo respeito natural, amadurecido ao observar as Ações Complementares, realizadas pelo simples desejo de servir?

Ao contrário: enquanto muitos procuram prestigiá-las, apenas uns poucos tentam denegrir sua imagem; e se forem pesquisadas suas razões, logo serão encontradas explicações, geralmente sórdidas... Há ainda aqueles que vislumbram, nas Forças Armadas, o último obstáculo a vencer para a implantação de sua ideologia espúria. E por isto, são contra o sucesso de suas Ações Complementares.

Hoje, vemos o mundo atravessar a Era Cristã de 2.000 anos, com apenas 250 anos de paz; e mesmo nesse período

"chamado de paz", em nenhum momento, parou a "guerra não declarada", a sub-reptícia "guerra psicológica". Embora nosso País continue a crescer e tendo sido considerado por muitos anos como uma "ilha de tranquilidade", ela não parou, nunca parou: apenas, por falta de ambiência favorável, está mais "contida", como aliás, a sua irmã, a "Guerra Revolucionária Comunista".

E mais do que nunca, as Ações Complementares são importantes, porque possibilitam uma constante atividade criadora, um adestramento continuado, uma aproximação maior da comunidade e, acima de tudo, a certeza de bem servir ao País.



Cel Eng JORGE LUIZ ABREU DO O' DE ALMEIDA - Oficial de Engenharia pela AMAN, cursou a EsAO e a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Estudou Gerenciamento Econômico-Industrial da Segurança Nacional no Industrial College of the Armed Forces (Fort MAC NAIR) nos EUA e Altos-Estudos de Política e Estratégia na ESG. Recebeu as condecorações Ordem do Mérito Militar - Grau de Cavaleiro e Ordem do Mérito Mauá - Comenda da Cruz de Mauá. Atualmente é Adjunto da Divisão de Assuntos de Mobilização na ESG.